



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul

Departamento de Comunicação

Clipping

Veículo: Jornal Semanário

Data: 18 de novembro de 2017

Editoria/Coluna: Geral

Link/Página:

“O racismo se esconde na ignorância”, afirma professor

ARQUIVO PESSOAL

As cotas demonstraram ser uma política de inclusão eficiente, uma vez que possibilitam o acesso ao ensino superior aos jovens que sequer sonhavam com a universidade. Essa é a opinião do professor do campus do Instituto Federal de Educação (IFRS) de Bento Gonçalves, Gregório Grisa. Ele escreveu sua tese de doutorado sobre as ações afirmativas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Indo além do âmbito universitário, o professor comenta sobre o racismo estrutural do Brasil, que, na sua opinião, está presente em várias esferas e muitas vezes se manifesta de forma velada.

Jornal Semanário: De que forma se manifesta o racismo?

Gregório Grisa: Antes de pensar nas formas de manifestação do racismo é importante conceituá-lo. No senso comum, o racismo é concebido como um sentimento de desprezo de algumas pessoas por outras, em função de origem ou cor da pele. Entendido assim, o racismo se manifestaria apenas em algum ato ou tratamento preconceituoso de alguém para outrem.

Porém, o caso brasileiro é infinitamente mais complexo. O racismo é um sistema estrutural de desigualdades que se organiza e se desenvolve através de estruturas, políticas, práticas e normas capazes de definir oportunidades e valores para pessoas e populações a partir de sua aparência, atuando em diferentes níveis: pessoal, interpessoal e institucional.

Entendendo assim, o racismo se manifesta nas profundas desigualdades sociais, educacionais, de renda, de acesso a serviços públicos e bens culturais entre pessoas negras e não negras. Em 2015, considerando todas as rendas, brancos ganhavam, em média, o dobro do que ganhavam negros: R\$ 1.589 em comparação com R\$ 898 por mês, o que explica isso?

Dos mais de 60 mil homicídios por arma de fogo por ano no Brasil, cerca de 70% são de jovens negros, porquê? A população carcerária tem a sua maioria composta por pessoas negras, entre os analfabetos e os mais pobres isso também ocorre. Essas são as principais formas de manifestação do racismo no Brasil.

Semanário: Quais tem sido os resultados das políticas de cotas?

Grisa: O percentual de negros no nível superior deu um salto e quase dobrou entre 2005 e 2015. Em 2005, com poucas instituições com cotas, apenas 5,5% dos jovens pretos ou pardos (classificação do IBGE) em idade universitária frequentavam uma faculdade.

Em 2015, 12,8% dos negros entre 18 e 24 anos chegaram ao nível superior. Falando apenas das universidades federais, pesquisa da ANDIFES revela que o número de estudantes autodeclarados pretos ou pardos aumentou de 34% para 47% de entre 2003 e 2014. Esses avanços reais não aconteceriam sem as cotas. Todavia, cabe dizer que em comparação com os dados gerais dos jovens brancos há muito que se avançar.

Semanário: Como essa política tem evoluído nos últimos anos?

As cotas eram políticas adotadas pelas universidades federais conforme suas decisões internas até 2012. Depois disso, a Lei da Cotas unificou a política para a rede federal. Isso fez com que a política ganhasse em efetividade e se expandisse, os dados mostram isso. As polêmicas em torno das cotas foram ficando para o debate mundial na medida que os três poderes (judiciário, legislativo e executivo) chancelaram a política. A evolução das cotas mostra que, no que tange ao acesso, ela cumpre um papel histórico e fundamental de democratização. A questão atual das cotas

é garantir que os cotistas concluam seus cursos.

Semanário: Em termos de educação, quais são os resultados?

Grisa: As cotas estão em plena implementação, sua primeira revisão, no âmbito federal, será em 2022. O estudante da educação básica pública de qualquer cor é o principal beneficiado dessa política. Do ponto de vista educacional poderíamos mencionar dezenas de fatores que passam a ocorrer com a adoção das cotas. Milhares de alunos representam as primeiras gerações de suas famílias a chegar no ensino superior. O horizonte de estudar em uma universidade passa a ser real para aqueles alunos jovens cujos pais nunca sonharam com isso.

Dentro da universidade há o impacto positivo da diversidade. Focos de pesquisa, modos de desenvolver o ensino e as relações culturais estão sendo tensionados. Princípios hierarquizados, métodos tradicionais e pesquisas descompromissadas socialmente estão ganhando adversários qualificados com o ingresso dos cotistas. Eles trazem desafios educacionais que exigem uma oxigenação por parte dos professores e das instituições.

Os resultados podem ser vistos na ampliação de pessoas negras e de baixa renda ingressando no mercado de trabalho com diploma universitário. Essa é uma realidade que felizmente deve se ampliar com o tempo e que não existiria sem as cotas.

Semanário: Onde se esconde o racismo no Brasil?

Grisa: Essa pergunta daria uma tese, na verdade já deu várias. O racismo no Brasil é explícito, mas também escondido. É visível, mas também invisível.

O racismo está na sociedade e nós estamos nela, nós guardamos o racismo em algum lugar. Deixar de guardar o racismo e passar a eliminá-lo do convívio e da nossa subjetivi-



Grisa observa que cotas tornam universidades mais diversas

Casos de racismo devem ser denunciados

■ Segundo dados da Secretaria dos Direitos Humanos, do Governo Federal, as denúncias por racismo no Rio Grande do Sul cresceram 250% entre 2015 e 2016. Na opinião dos pesquisadores, muitos casos ainda acabam não sendo denunciados por impunidade. No estado, é estudada a possibilidade de ser instalada uma delegacia especializada.

■ Ao se deparar com situações de racismo, denúncias podem ser realizadas pelo **disque 100**.

dade não é um ato de boa vontade ou bondade, mas sim um ato político de humanização, estudo e conscientização.

Por nos convenceremos que não somos pessoalmente racistas passamos a acreditar que nosso grupo social e até a sociedade não o é, o que é um engano. Infelizmente, por se tratar de elemento fundante da formação sociocultural do Brasil, o racismo está na minha família, nos meus amigos e em mim.

O Brasil se forjou com base na noção de miscigenação, isso produziu uma ideologia de que somos uma democracia racial,

o que os dados nos mostram ser falso. O racismo não é somente um ato, o racismo pode ser um “não ato”, uma não presença. O racismo pode estar onde não vemos ou sentimos, por vezes, o racismo anestesia nosso olhar para que nos acostumemos a não encontrá-lo.

A crença de que somos uma democracia racial faz com que naturalizemos as desigualdades raciais mais latentes do mundo. Em resumo, o racismo se esconde na ignorância, na não compreensão de como se constituíram as desigualdades raciais e na incapacidade de indignação política diante disso.